

CAPÍTULO 1 CICLOS SOCIAIS

SEÇÃO 1 AS CLASSES SOCIAIS E AS QUATRO VARNA

Conforme o ser humano atua e marca sua presença na sociedade, podemos identificar quatro categorias básicas da mente humana. Essas categorias são definidas como classes e são chamadas de varnas, em sânscrito, que significa “cores”, literalmente. As classes são simbolicamente definidas como “cores psíquicas”, de acordo com as tendências mentais. O conceito de varnas é importante para uma análise da dinâmica social das classes. Esse modelo se destina mais apropriadamente à análise social do que ao estudo da psicologia e do comportamento do indivíduo, que se baseia em leis mais complexas. Por isso, é importante não aplicá-lo de forma simplista e rígida aos indivíduos. O conceito de varnas nos conduz a uma nova teoria da dinâmica social e a uma análise histórica singular. Essa teoria assegura que, em cada era, uma determinada varna influencia a sociedade e a psicologia coletiva, garantindo assim o domínio sobre as demais classes. Além disso, é demonstrado que as transformações sociais ocorrem em ciclos. Esses dois aspectos formam a teoria dos ciclos sociais, fundamentada na mudança cíclica da sociedade, uma vez que os valores prevalecentes e o domínio na sociedade mudam de acordo com a varna predominante a cada época. As quatro classes são: shudra (trabalhadores), ksatriya (guerreiros e militares, pronuncia-se cátria), vipra (intelectuais e clero), e vaeshya (empresários comerciantes, industriais e financistas). Primeiro examinaremos os quatro grupos e subseqüentemente faremos uma análise histórica resumida, utilizando essa perspectiva.

Shudra (Trabalhador) A primeira classe apresenta as características de uma mente humana menos desenvolvida do que as outras classes, uma vez que está condicionada ao mundo material e social e aos instintos básicos. A satisfação dos instintos básicos e a preocupação com a subsistência são as prioridades dessa classe. As pessoas dessa mentalidade são chamadas de shudras. A mente do shudra é representada pela cor negra, que simboliza a preocupação com o mundo objetivo. Os shudras não têm ideais muito sofisticados nem desenvolvem cultura refinada. É claro que a mentalidade shudra da era moderna é mais desenvolvida do que a mentalidade shudra das eras antigas. Essas categorias são relativas, pois os shudras, por terem poucas aspirações ou pouco dinamismo mental, vivem de acordo com as tendências predominantes na psicologia coletiva. A psicologia shudra é essencialmente a psicologia das massas, e requer o direcionamento e a inspiração daqueles com mentes mais desenvolvidas, daqueles que determinam a direção e o rumo da psicologia coletiva. No nível individual, todas as pessoas possuem uma combinação potencial de todas as quatro varnas — embora uma psicologia seja mais predominante que a outra. Isso quer dizer que, se a pessoa se esforçar pelo seu desenvolvimento psíquico, ela poderá desenvolver qualquer uma das tendências, ou até mesmo as quatro tendências simultaneamente.

Ksatriya (Guerreiro) A segunda varna é constituída pelas pessoas com mentalidade

guerreira, espírito de luta, bravura e que aceitam o desafio de lutar. Elas são denominadas ksattriyas. A mente ksattriya busca, de forma rudimentar, estabelecer o domínio ou o controle do mundo material através da força física. Num sentido positivo, uma sociedade dominada por ksattriyas tende a dar grande ênfase aos valores sociais, tais como a honra, a disciplina, o serviço; e num sentido potencialmente negativo tende a enfatizar a autoridade, a crueldade e a competição. As antigas civilizações romanas, grega (dos helênicos) e árabe-muçulmana e várias ditaduras militares e comunistas são exemplos de sociedades dominadas pelos ksattriyas. Vipra (Intellectual) Pessoas com intelecto desenvolvido e que procuram ter influência nos rumos da sociedade, usando suas faculdades mentais, constituem essa terceira classe, chamada de vipra. A característica mais marcante da classe vipra é a busca de realizações nos campos da ciência, da religião e da cultura. As eras vipras são caracterizadas pelas regras sociais e políticas dos intelectuais, ministros ou clero (seja na monarquia, democracia, teocracia, etc). Nesta, os propósitos religiosos, culturais ou intelectuais dominam a psicologia coletiva. As sociedades budista e hindu da Índia antiga, a Europa da Idade Média, dominada pela Igreja Católica, e algumas nações islâmicas fundamentalistas da atualidade são, essencialmente, exemplos de sociedades vipras. Vaeshya (Negociantes) A quarta varna ou classe social é a dos vaeshyas — a classe de comerciantes, empresários ou financistas. Esta classe tem grande capacidade de administrar e acumular recursos. A Idade Moderna, que foi marcada pela Revolução Industrial, continua a ser dominada pela psicologia dessa classe. Assim como os guerreiros dominaram a Idade Antiga e os intelectuais dominaram a Idade Média, os mercantilistas dominam a Idade Moderna. O começo de qualquer era é marcado por grande dinamismo em todos os níveis: político, cultural, econômico etc. Isso ocorre porque os novos administradores libertam o povo da opressão infligida pela antiga ordem. Então, dá-se início a uma era promissora, enquanto a nova classe solidifica seu controle sobre a sociedade. Com o passar do tempo, entretanto, o declínio social ocorre, na medida em que a classe dominante se empenha para aumentar seu poder e sua riqueza. Dessa forma, a classe mercantilista dos vaeshyas infundiu grande dinamismo à antiga sociedade, que sofria com a dominação de uma classe de vipras corrompidos (intelectuais, religiosos etc.) e com o sistema feudal imposto pelo Império Romano. A era promissora da história moderna continua sendo, provavelmente, o período do domínio norte-americano. Agora, entretanto, o mercantilismo começa a decair, visto que a classe dominante procura expandir sua riqueza e o seu poder na área governamental, em detrimento do poder de compra de um grande número de pessoas, sendo que a maioria não consegue obter nem mesmo suas necessidades básicas. Nesse declínio, trabalhadores, guerreiros e intelectuais são cada vez mais subjugados à vontade dos capitalistas, que controlam os salários e o padrão de vida das outras classes com “mão de ferro”. A política é também manipulada pelos capitalistas, pois eles têm o verdadeiro poder financeiro. Atualmente, todas as sociedades capitalistas do mundo estão nessa condição. A maior evidência disso

está na absoluta dependência dos líderes políticos em relação aos capitalistas, que financiam suas campanhas eleitorais. Apesar de a democracia constitucional ter sido um aspecto positivo de desenvolvimento na era mercantilista, na prática, hoje em dia, ela se tornou uma ferramenta de controle e dominação dos gigantes financeiros sobre as economias nacionais dos países em geral, em especial dos países do Terceiro Mundo.

SEÇÃO 2 A HUMANIDADE E OS CICLOS SOCIAIS

A teoria dos ciclos sociais professa que as eras históricas evoluem na seguinte sequência: shúdra (dos trabalhadores braçais), ksattriya (guerreira), vipran (intelectual) e vaeshyan (mercantilista). Em seguida, um novo ciclo se inicia. Pode-se alegar que esse panorama cíclico da sociedade humana não reconhece o potencial do progresso humano e que estaríamos nos movendo em círculo, como se nossos passos voltassem à origem. Contudo, o verdadeiro movimento dos ciclos sociais deve ser comparado a um movimento em espiral, que é circular, mas se movimenta de forma progressiva em direção a uma maior expressão da consciência. No início da história da humanidade, os shudras viviam em confronto com as forças da natureza. Através dos choques com o ambiente hostil e de

conflitos entre clãs, que lutavam pela sobrevivência, a mente humana aumentou, paulatinamente, sua complexidade, capacidade e vitalidade. Com isso, a confiança, a bravura e a capacidade de comandar e controlar o ambiente físico e social foram desenvolvidas em alguns seres humanos. No começo, o poder era exercido normalmente pela força física, formando-se, assim, a era das pessoas com mentalidade guerreira. Esse foi o verdadeiro início da sociedade humana, numa forma rudimentar. Unidade, disciplina e senso de responsabilidade desenvolveram-se vagarosamente, na medida em que o sistema de clãs se formou na Idade da Pedra, resultando no começo da sociedade e da estrutura social. Desde a era shudra até o início da era guerreira, vigorou o sistema matriarcado, com a liderança sendo exercida pelas mulheres, as quais representavam seus respectivos clãs. Como o casamento não era ainda uma instituição estabelecida socialmente, a mulher recebia todo o prestígio da sociedade e tinha grande poder de decisão. Essa participação histórica das mulheres foi marcante, pois elas comandaram a sociedade por milhares de anos, desde a Idade da Pedra até o surgimento da era patriarcal (há cerca de 3.500 anos). Devido às lutas das sociedades guerreiras contra as forças da natureza e entre os diferentes clãs, a capacidade intelectual dos seres humanos se desenvolveu. A inteligência dos vipras emergentes resultou nas primeiras conquistas científicas, tais como o uso do fogo, a invenção do arco e da flecha, da agulha e da linha, as técnicas de arado e cerâmica, a domesticação de animais, a agricultura etc. Como resultado desse longo processo, os vipras desfrutaram de um prestígio cada vez maior na sociedade e se tornaram o trunfo mais valioso dos líderes ksattriyas. Os artefatos bélicos se tornaram complexos, e a tática e a estratégia assumiram uma importância maior do que a força e a

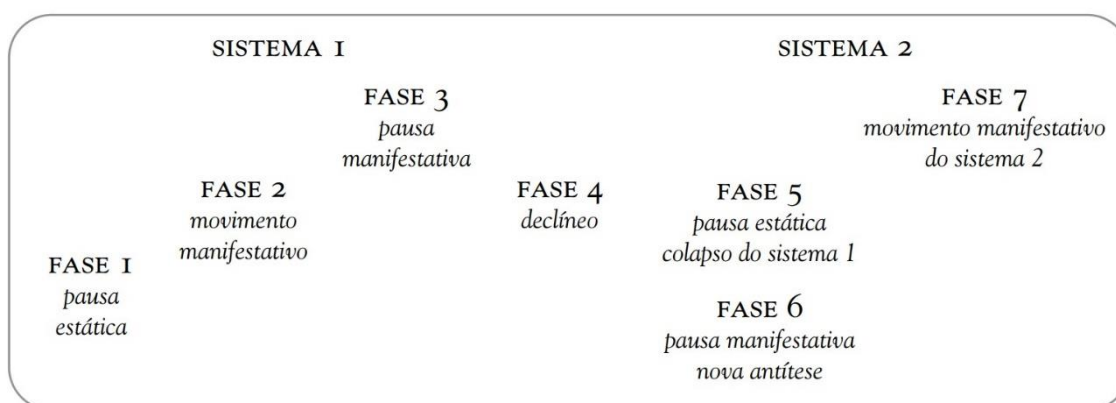
habilidade. Sem a ajuda dos intelectuais, a conquista de batalhas era impossível. A florescente era ksattriya foi uma era de expansão e conquistas (da pré-histórica até o fim do antigo Império Romano; a dinastia chinesa Chin e a expansão indu-ariana por toda a região do Cáucaso). Na era ksattriya, dava-se muita importância à bravura, à honra, à disciplina e à responsabilidade. Isto tornou a sociedade ksattriya bem organizada e unida. Na segunda metade da primeira era ksattriya, a sociedade passou do sistema matriarcado para o patriarcalismo. Esse novo sistema foi institucionalizado pelo estabelecimento do casamento e da propriedade privada e pela criação das cidades. A liderança saiu dos conselhos tribais para os soberanos guerreiros. Essa transição abriu caminho para o surgimento dos grandes impérios da história antiga: império dos arianos, da Suméria, da Assíria, da Babilônia, da Pérsia, do Egito, da Macedônia (Europa antiga) e de Roma, para mencionar apenas alguns. Com o passar do tempo, os conselheiros intelectuais (ministros) aumentaram sua importância, adquirindo mais poder do que os monarcas. Da mesma forma, as religiões passaram a cumprir o papel então exercido pelas magias tribais, a Igreja (vipra) cresceu, obtendo mais poder do que a realeza, por toda a Europa, e, no Tibete, monges e ламas conquistaram autoridade tanto política quanto religiosa. Com isso iniciou-se a era vipra, a autoridade dos líderes guerreiros tornou-se menos importante e a administração social passou a se basear mais nas escrituras e nas leis. Através de diferentes proibições sociais e religiosas fundamentadas nas escrituras, os intelectuais, que ocupavam cargos de ministro, sacerdote, advogado, senador ou conselheiro, governaram a sociedade e estruturaram sua forma de desenvolvimento. Quando o ciclo social chegou ao estágio vipra, a vida cultural da sociedade floresceu, e os seres humanos alcançaram um nível mais elevado de consciência e desenvolvimento mental. A solidificação das instituições culturais, religiosas e governamentais ocorreu dentro da era vipra; e sob a égide dessas instituições, a ciência, as artes e outros ramos do conhecimento floresceram. As antigas eras budistas da Índia, da China e do sudeste da Ásia, e o crescimento da Igreja Católica, durante a Idade Média, com suas grandes escolas em mosteiros, ilustram isso. Com o decorrer do tempo, a classe dominante torna-se egoísta e mais preocupada com a realização dos privilégios materiais e sociais. Uma das mais poderosas ferramentas usada historicamente pela classe vipra tem sido a difusão de superstições e complexos de inferioridade na mente das outras classes, para perpetuar, assim, seu domínio. A submissão da mulher às regras opressoras é mais uma criação dos vipras do que dos ksattriyas. O domínio masculino incutiu nas mulheres complexos de inferioridade, tendo sido a elas negado o direito à educação (na primeira era vipra), tanto na sociedade oriental quanto na ocidental. Enquanto os intelectuais buscavam conforto e privilégios, os mercantilistas gradualmente acumulavam riquezas. Dessa forma, eles se tornaram capazes de comprar terras e empregar os próprios intelectuais para servi-los. Os mercantilistas forneceram um novo dinamismo à sociedade, já que o poder deles aumentou com a criação do novo sistema financeiro, político e social. A habilidade e o pragmatismo dos vaeshyas

gradualmente diminuíram a influência das superstições e das instituições decadentes constituídas na última era vipra. Os movimentos protodemocráticos, como a constituição da Câmara dos Comuns na Inglaterra e a Revolução Francesa, levaram a uma lenta diminuição da disparidade social e marcaram a era vaeshya na Europa e em suas colônias. Grandes avanços na arte e na ciência foram também estimulados pela era vaeshya, sob o patrocínio da classe comerciante. Todavia, o imperialismo europeu (e mais tarde o americano e o japonês) surgiram na era vaeshya. Os mercantilistas consideravam tudo ao seu redor, inclusive os seres humanos, como mera ferramenta para aumentar seus lucros. Essa visão começou a se expandir pelo mundo assim que a classe mercantilista, em comum acordo com o Vaticano, passou a utilizar as qualidades marciais dos ksattriyas para colonizar o mundo. O objetivo era simplesmente extrair recursos e escravizar os seres humanos para trabalharem na produção. Dessa forma, todos os países industrializados do mundo foram moldados pela classe mercantilista. Quando começou o declínio da era capitalista, a economia foi forçada a aumentar a eficiência das corporações, visando à maximização do lucro. Com isso, o nível de emprego diminuiu e o poder de compra do trabalhador se deteriorou. Aqueles que têm mentalidade guerreira e intelectual, estão subjugados, na condição de shudras. As oscilações nas bolsas de valores e nos mercados financeiros e a dificuldade crescente de adquirir as necessidades básicas estão criando um ambiente propício para novas mudanças. As pessoas desfavorecidas pelo sistema vaeshya se unirão aos intelectuais e aos guerreiros/militares excluídos pelo atual sistema e irão se erguer e começar a tomar conta das relações econômicas e sociais. Isso significa o fim da era vaeshya e o início de uma nova era shudra. Tecnicamente falando, uma sociedade shudra emerge logo após a queda da ordem vaeshya. Essa era shudra (que é caracterizada como um período de anarquia) dura apenas o tempo necessário para que os ksattriyas tomem a liderança da revolução e solidifiquem o seu poder. Geralmente esse período dura alguns dias ou até mesmo algumas horas. A revolução comunista da Rússia caracterizou esse estágio do ciclo social: o domínio mercantilista terminou devido à revolução dos trabalhadores, resultando em uma nova sociedade dominada pelos militares.

SEÇÃO 3 FILOSOFIA DOS CICLOS SOCIAIS

O movimento dos ciclos sociais está em processo de rotação contínua. Considerando a psicologia das diferentes classes, podemos identificar, na história das nações ou civilizações, o domínio social e administrativo de uma das classes sociais, em eras distintas. Esses ciclos determinam os valores sociais e a psicologia social predominantes. Como regra geral, em cada época, na história de uma sociedade ou nação, apenas uma classe é dominante. Portanto, podemos classificar as sociedades como sendo shudra (trabalhadora), ksattriya (guerreira), vipra (intelectual) e vaeshya (mercantilista, industrial). As nações e as civilizações, em separado, seguem seu próprio ciclo (ver Apêndice E), enquanto a sociedade global, em todo o planeta, tem um ciclo único, que começou na Idade da Pedra,

com a era shudra, e encontra-se agora na era vaeshya. A filosofia dos ciclos sociais é regida por diferentes princípios, inclusive o de que seus movimentos são sistálticos ou pulsativos. Numa verdadeira análise da história, podemos certamente detectar esses movimentos, contudo, devemos ter em mente que esse processo é dificultado pela influência mútua das civilizações, nos períodos de transição de uma era para a outra, quando os ciclos se misturam. Em cada espiral do ciclo, existe também um movimento dialético que acarreta o nascimento, o desenvolvimento e o fim de uma era, levando ao nascimento, o desenvolvimento e o fim da próxima era e assim por diante. A duração de uma era, ou de qualquer estrutura social, pode ser ilustrada da seguinte forma:



Movimento Sistáltico: Na realidade, os ciclos sociais não têm movimentos contínuos para adiante, mas sim movimentos sistáticos (de contração, pausa e expansão). Existem períodos de intenso movimento social seguidos por outros de pausa relativa. Quando a sociedade está num período de estagnação, com pouca vitalidade ou dinamismo, tal estágio é chamado de pausa sistáltica (fase 1). Nesse estágio, novas ideias surgem devido ao sofrimento crescente do povo. Tais ideias formam uma antítese à estrutura estagnada. Quando tal antítese ganha suficiente força, a estrutura social existente muda fundamentalmente, devido ao dinamismo das novas ideias. Esse estágio inicial de mudança e dinamismo é denominado como movimento “manifestativo” (fase 2). Quando se chega a uma nova síntese, por influência do movimento manifestativo, surge o estado de pausa “manifestativa” (fase 3). Essa pausa é o apogeu do movimento social, o período de maior vitalidade. A força dessa síntese consiste na vitalidade das idéias na qual é fundamentada. Mas posteriormente, essa vitalidade se deteriora devido à opressão e à exploração crescente da classe dominante sobre as outras classes, causando, assim, estagnação. Então o movimento alcança novamente o estado da pausa sistáltica (fase 5), aguardando o surgimento de ideias novas. Portanto, todas as eras dos ciclos sociais começam com a fase dinâmica formativa, na qual uma nova vitalidade é infundida dentro da estrutura social. A sociedade alcança um pico sustentável subseqüentemente seguido pelo declínio e a “estaticidade”, geralmente acompanhados de exploração excessiva. Então, surge uma antítese no estágio da pausa sistáltica (fase 6), que surge da varna que dominará a próxima fase

do ciclo social. Tipos de Movimentos Sociais: Um ciclo social tem vários tipos de movimento. 1. Movimento normal é quando ocorrem mudanças de forma natural, ou seja, todas as mudanças e conflitos que não alteram substancialmente a estrutura social básica e política. Os períodos de mudanças mais substanciais são os referidos como evolução e contra-evolução, revolução e contra-revolução. 2. Evolução refere-se aos períodos de transformação social progressiva e dinâmica, seguindo o fluxo do ciclo social. O colapso do comunismo na Europa Oriental e na antiga União Soviética ilustra a evolução social. 3. Contra-evolução é o movimento regressivo do ciclo social (inversão do ciclo social). Exemplos de contra-evolução foram as repressões militares contra os movimentos estudantis e intelectuais, no Brasil, a partir de 1968, e na Argentina, a partir de 1976, que frustrou temporariamente a transição para a era vipra. 4. Revolução são períodos de mudanças dramáticas, caracterizados pela aplicação de tremenda força (quando o ciclo social move-se para adiante). As revoluções dos trabalhadores comunistas (shudras), na Rússia, em 1917, e em Cuba, em 1959, são exemplos de revoluções progressistas, fazendo com que os governantes exploradores (vaeshyas) se expusessem à revolução shudra. 5. Contra-revolução é quando as mudanças reverterem o ciclo social do governo da varna anterior. Como exemplo de contra-revolução, podemos citar os esforços feitos pela C.I.A. (serviço secreto norte-americano) para impedir os avanços dos movimentos de libertação na América Latina. A contra-evolução e a contra-revolução duram pouco tempo; o movimento natural do ciclo social não pode ser interrompido indefinidamente. As contra-revoluções são sempre regressivas, pois elas reverterem a sociedade ao estágio do ciclo social em que se estabeleceu a estagnação.

A Influência Mútua das Civilizações: A sociedade humana é formada por muitos grupos, nações e estados — de muitas civilizações antigas e atuais. Essas civilizações e sub-civilizações podem estar às vezes em diferentes estágios de desenvolvimento, e seus contatos entre si afetam o movimento dos seus ciclos sociais. Por exemplo, muitas sociedades que ainda estavam na era vipra rapidamente mudaram para a era vaeshya sob a influência do colonialismo (como a Índia). Esse tipo de influência mútua torna a análise de um ciclo social mais complexa. Especialmente hoje em dia, as influências mútuas têm se tornado extremamente complicadas. A maior parte das nações tem sido gravemente afetada pela era vaeshya do Ocidente, que começou com o advento do colonialismo e culminou no atual processo de globalização. A globalização econômica da sociedade vaeshya incitará lutas libertadoras em diversos países, que resultarão na derrocada da estrutura neoliberal. A cultura global humana, que é um aspecto positivo da globalização, provavelmente continuará a crescer mesmo com o término desse sistema explorador.

Revolução sem Violência: Na teoria de PROUT, a morte estrutural de um sistema social não significa a morte de seres humanos. É teoricamente possível que ocorra uma revolução sem derramamento de sangue e que um sistema completamente novo surja após a queda do antigo sistema.

O Papel dos Indivíduos nas Transformações Sociais: A sociedade é composta por um grande número de

indivíduos. É possível que o ritmo dessas pessoas siga o ritmo individual na esfera psíquica e na esfera espiritual, mas isso não é possível na esfera física. A síntese dos movimentos de vários indivíduos constitui o movimento social coletivo. O fluxo individual é influenciado pelo fluxo coletivo, pois cada indivíduo se esforça para se adaptar à sociedade.

SEÇÃO 4 UMA NOVA VISÃO DA HISTÓRIA

Apesar de a teoria dos ciclos sociais explicar claramente os movimentos sociais, ela precisa ser aprimorada com pesquisas. Uma análise dos fatos históricos é a forma mais adequada para alcançar esse objetivo. Sob uma visão holística, a arte, a política, a economia, a religião, a filosofia, a ciência, a tecnologia, a música, o vestuário e os costumes estão todos integrados e, por isso, devem ser entendidos como expressões da sociopsicologia predominante. Conflitos podem surgir porque nem sempre existe harmonia e consonância absoluta entre essas diferentes expressões humanas. Uma nova psicologia social surge primeiro nas esferas mais sutis — como a arte, a cultura ou a ciência — enquanto na economia e na política, a estrutura social continua a ser influenciada pela antiga psicologia, até que a transformação se complete. Conseqüentemente, num período de transição, não é muito fácil identificar qual é a psicologia social predominante: se anterior ou a mais recente. As expressões que caracterizam a psicologia de uma classe social (varna) podem ser bem diferentes nas diferentes fases de uma era — nascimento, adolescência, maturidade, velhice ou degeneração. Normalmente, a história enfatiza os feitos dos governantes (reis, ministros e líderes políticos), dando a mínima importância ao povo. Por isso, até o presente, sabe-se muito pouco da dinâmica interna das classes governantes. Além disso, devem-se realizar pesquisas históricas, com o objetivo específico de comprovar os ciclos sociais. A importância dos ciclos sociais como modelos para uma análise da história é reforçada pela facilidade com que encontramos exemplos. Os movimentos de estudantes e intelectuais dissidentes na China e nas antigas nações soviéticas, sem mencionar as várias rebeliões nos antigos países comunistas da Europa Oriental, ilustram que há uma tendência de a era ksattriya (militar) ser seguida pela era vipra. Medidas contra-evolucionárias foram implementadas pelos regimes ksattriyas, mas, conforme está previsto na teoria proutista, estas não poderiam durar indefinidamente. De acordo com a mesma lógica, o comunismo deve entrar em colapso também na China, na Coreia do Norte, em Cuba etc., devido à pressão da classe vipra (estudantes e intelectuais). Mas isso só ocorrerá quando a classe shudra tiver suficiente mobilização e consciência da necessidade de mudanças. Pode-se prever também que os estados fundamentalistas islâmicos (as sociedades vipras do Irã etc.) tendem a se mover em direção à sociedade vaeshya (da mesma forma que os outros países do Golfo). Contudo, alguns indícios comprovam que poderá haver contra-revolução e contra-evolução fundamentalista (organizada por pseudovipras) como aconteceu no Irã (a ascensão

de Ayatollah Khomeini, nos anos 70) e no Afeganistão tão mais recentemente. Essa repressão contra o avanço, contudo, será revertida.

Um outro item importante a ser considerado é que as nações ocidentais estão prontas para iniciar uma revolução contra a globalização neoliberal. Temos exemplo disso na rebelião zeparista, no México, com ksattriyas (guerrilheiros) conduzindo a revolução shudra. Embora tenha sido temporariamente reprimido pela força vaeshya dominante, pode-se esperar que essa revolução venha à tona novamente e com mais força. Isto aconteceu primeiramente no México por causa da grande disparidade de renda. É importante notar que essas revoluções e mudanças nem sempre ocorrerão através do socialismo ou do comunismo - outras teorias também poderão assumir esse papel.

Capítulo 7 - UMA NOVA DEFINIÇÃO DAS CLASSES E DA LUTA DE CLASSES

Desde o início do mundo, o poder de governar tem permanecido nas mãos de uma classe ou de outra. Há muito, muito tempo... a força bruta definia quem tinha a capacidade de governar.. Mesmo após a era das antigas civilizações, para governar, os reis ainda dependiam da ajuda daqueles que tinham força física... Com o passar do tempo e o desenvolvimento do intelecto, a força física foi aos poucos sendo substituída pela capacidade mental de planejar, o que passou a ser um requisito essencial para governar os outros. Com o posterior desenvolvimento econômico, o dinheiro se tomou mais importante. Aqueles que possuíam o dinheiro passaram a controlar o conhecimento dos intelectuais, a vontade e a força dos corajosos. Então, a autoridade para governar transferiu-se para a classe dos ricos — os capitalistas.-P.R.Sarkar

A História Baseada na Psicologia Social

Sarkar apresenta uma visão das classes sociais radicalmente diferente das classes apontadas por estudiosos de sociologia e por Karl Marx. Baseando-se na observação de como os seres humanos se relacionam com o meio ambiente natural e social, ele identifica quatro categorias básicas da mente humana. Essas categorias, definidas como classes sociais, são chamadas de varnas (que em sânscrito significa "cores psíquicas", literalmente). O conceito de varnas oferece um modelo importante para a análise da dinâmica das classes. Como um arquétipo, essas classificações apresentam subsídios mais para a identificação das forças que influenciam a sociedade do que para um estudo da psicologia e do comportamento humano, que envolve outros fatores complexos. O conceito de varnas nos conduz a um novo modelo de dinâmica social e a uma análise singular da história. Essa teoria assegura que, em qualquer era, uma sociedade é dominada pela psicologia de uma determinada varna, garantindo assim o domínio de uma classe social sobre as demais. Além disso, sugere que as transformações sociais

ocorrem em ciclos. Esses dois aspectos formam a Teoria do Ciclo Social, que descreve a mudança cíclica que acontece na sociedade, uma vez que os valores prevaletentes e o domínio na sociedade mudam de acordo com a varna predominante em cada época. As varnas são: shudras, os trabalhadores; ksattriyas (pronuncia-se cátrias), os guerreiros; vipras, os intelectuais; vaeshyas, os empresários e comerciantes. A teoria de classes de PROUT é bem diferente do sistema de castas indiano, apesar de utilizar os mesmos nomes. Na Índia, as pessoas ficam restritas, desde o seu nascimento, à casta tradicional da família. De acordo com Sarkar, varna representa somente a tendência psicológica de como a pessoa ganha seu sustento e se posiciona perante o meio ambiente. Por conseguinte, as varnas não têm nenhuma relação com as classes sociais definidas de acordo com a renda ou propriedades. No nível individual, todas as pessoas possuem uma combinação potencial das quatro varnas, muito embora uma dessas tendências psicológicas seja predominante em relação às outras. Se uma pessoa se esforçar pelo seu desenvolvimento psíquico, ela poderá desenvolver qualquer uma ou até mesmo as quatro tendências, simultaneamente. As massas precisam de liderança, direcionamento e inspiração daqueles que têm mente mais forte e podem despertar e mobilizar seu imenso potencial. Os líderes da sociedade podem surgir de qualquer classe social ou cultura.

Shudra (Trabalhador)

A mente das pessoas da primeira classe apresenta características mais simples do que a mente daqueles de outras classes, uma vez que é mais influenciada pelos instintos básicos e pelo meio ambiente material e social. Os prazeres materiais e a luta pela sobrevivência são as principais preocupações dessa classe. A mente shudra tem poucas aspirações e pouco dinamismo. É claro que a mentalidade shudra da presente época é mais desenvolvida do que a mentalidade shudra do passado. Os shudra vivem de acordo com as tendências predominantes na psicologia coletiva. Esta classe essencialmente reflete a psicologia das massas. Conforme podemos observar, as massas que não tiveram a oportunidade de desenvolver consciência política nem espírito de luta por justiça social apresentam essas características, em geral. Mas a mentalidade de qualquer trabalhador muda quando ele é conscientizado a lutar por seus direitos e pelos direitos dos outros. A mente dele se expande, adquirindo novas habilidades e descortinando novas diretrizes para sua vida. Então sua varna começa a mudar, e ele se transforma em guerreiro ou começa a se desenvolver intelectualmente.

Ksattriya (Guerreiro)

A segunda varna é constituída pelas pessoas com mentalidade guerreira, que dominam o ambiente social com base em sua força física, sua bravura e seu espírito de luta. Aqueles que aceitam o desafio de lutar são denominados ksattriyas. Uma sociedade dominada por ksattriyas tende a dar ênfase aos valores sociais, tais como a honra, a disciplina, o sacrifício pelos outros. Mas também

tende a realçar o autoritarismo, a crueldade e a competição acirrada. As antigas sociedades guerreiras e várias ditaduras militares e comunistas são exemplos de sociedades dominadas pelos ksattriyas. Hoje em dia, as pessoas com essa característica predominante tendem, por exemplo, a praticar esportes e artes marciais, servir às forças armadas, trabalhar na polícia, no corpo de bombeiros ou em equipes de resgate.

Vipra (Intelectual)

Pessoas com intelecto desenvolvido e que procuram influenciar os rumos da sociedade usando suas faculdades mentais constituem essa terceira classe, chamada de vipra. Uma era controlada pelos vipras obtém muitos avanços nos campos da ciência, da religião e da cultura. As eras vipras são caracterizadas pela evolução das regras sociais e políticas. Em geral, nas sociedades em que imperaram a monarquia, a democracia, ou a teocracia, as pessoas mais influentes e poderosas do governo foram os intelectuais (ministros, conselheiros do rei ou clérigos). Nessas eras, as atividades religiosas, culturais ou intelectuais dominavam a psicologia coletiva. As sociedades pré-coloniais do budismo e do hinduísmo, na Ásia, a Europa da Idade Média, dominada pela Igreja Católica, e algumas nações islâmicas fundamentalistas da atualidade são, essencialmente, exemplos de sociedades vipras.

Vaeshya (Mercantilista)

A quarta varna, ou classe social, é a dos vaeshyas, a classe de comerciantes e financistas que têm grande capacidade de administrar e acumular recursos materiais. Assim como os guerreiros dominaram a Idade Antiga e os intelectuais dominaram a Idade Média, os valores mercantilistas dominam a Idade Moderna. Na era capitalista, empresários e diretores de grandes empresas são tidos como heróis. A riqueza e o poder são considerados como qualidades que refletem a grandeza humana.

A Sociedade e os Ciclos Sociais

O começo de qualquer era tem como característica um grande dinamismo em todos os níveis: político, cultural e econômico. É o que ocorre quando aparecem novas lideranças, que libertam as pessoas da opressão infligida pela antiga ordem. Então, inicia-se uma era promissora, enquanto a nova classe solidifica seu controle sobre a sociedade. Com o passar do tempo, entretanto, o declínio social ocorre, na medida em que a classe dominante se empenha em aumentar o seu poder político e sua riqueza. O descontentamento e a desordem crescem. O Ciclo Social progride nas eras históricas na seguinte seqüência natural: shúdra (trabalhadores), ksattriya (guerreiros), vipra (intelectuais) e vaeshya (mercantilistas). Em seguida, um novo ciclo se inicia. Poder-se-ia alegar que esse panorama cíclico da sociedade humana não reconhece o potencial do progresso humano e que estaríamos nos movendo em círculos, como se nossos passos voltassem à origem. Contudo o verdadeiro

movimento dos ciclos sociais deve ser comparado a um movimento em espiral, que é circular, mas segue de forma progressiva em direção a uma maior expressão da consciência. Quando surgiram os primeiros seres humanos, os shudras lutavam pela sobrevivência, tentando sobrepujar as forças da natureza. Os confrontos em ambientes hostis e os conflitos intra-humanos, na luta por alimento, na disputa por companheiras e por outros motivos, fizeram com que a mente humana se desenvolvesse paulatinamente, adquirindo complexidade, capacidade e vitalidade. Com isso, a confiança, a bravura e a capacidade de comandar e controlar os outros e o meio ambiente foram desenvolvidas em alguns seres humanos. Surgiu, então, a psicologia dos ksattriyas. Esses guerreiros da Idade da Pedra começaram a liderar, formando clãs e tribos — o que constituiu o início da sociedade humana, ainda numa forma rudimentar. Unidade, disciplina e senso de responsabilidade desenvolveram-se paulatinamente nesses clãs. O início da era guerreira foi matriarcal, com a liderança sendo exercida pelas mulheres, as quais representavam seus respectivos clãs. Como o casamento não era ainda uma instituição estabelecida, a mulher, na qualidade de mãe, recebia todo o prestígio do clã e tinha grande poder de decisão para garantir a sobrevivência do clã. Essa participação histórica das mulheres foi marcante, pois elas comandaram a sociedade por milhares de anos, desde a Idade da Pedra até o surgimento da era patriarcal. Como nas sociedades guerreiras havia bastante luta contra as forças da natureza e contra os clãs oponentes, a capacidade intelectual dos seres humanos também se desenvolveu. A inteligência dos vipras, emergentes resultou nas primeiras conquistas científicas, tais como o uso do fogo, a invenção do arco e flecha, da agulha e da linha, as técnicas de arado e cerâmica, a domesticação de animais, a agricultura. Como resultado desse longo processo, os vipras desfrutaram de um prestígio crescente na sociedade e se tornaram o trunfo mais valioso dos líderes ksattriyas. A arte da guerra tomou-se mais complexa, fazendo com que os artefatos bélicos, a tática e a estratégia adquirissem maior importância do que a força e a destreza. Sem a ajuda de mentes evoluídas que fizessem o planejamento estratégico, a conquista de batalhas seria impossível. A florescente era ksattriya foi uma era de expansão e conquistas (desde a pré-história até o fim do Império Romano; da dinastia chinesa Chin e da expansão indo-ariana). Na era ksattriya, dava-se muita importância à bravura, à honra, à disciplina e à responsabilidade. Isto tornou a sociedade ksattriya bem organizada e unida. Na segunda metade da primeira era ksattriya (por volta de 5.000 a.C), os homens romperam com o sistema matriarcal e criaram o patriarcado. Esse novo sistema foi institucionalizado pelo estabelecimento do casamento e da propriedade privada. Com o passar do tempo, os conselheiros intelectuais (ministros) aumentaram sua influência, adquirindo até mais poder do que os próprios monarcas. Da mesma forma, as religiões organizadas passaram a cumprir o papel então exercido pelos xamãs tribais. A Igreja (vipra) cresceu, obtendo mais poder do que a realeza, por toda a Europa. No Tibete, os monges e os lamas conquistaram autoridade tanto política quanto religiosa. Com isso iniciou-se a era vipra, a autoridade dos líderes

guerreiros tornou-se menos importante e a administração da sociedade passou a se basear mais nas escrituras e nas leis. Os intelectuais — que assumiam as funções de ministro, sacerdote, senador ou conselheiro — governavam a sociedade e estruturavam sua forma de desenvolvimento, recorrendo a diferentes proibições sociais e religiosas, fundamentadas nas escrituras. Quando o ciclo social chegou ao estágio vipra, a educação e a vida cultural da sociedade floresceram. Os seres humanos alcançaram maior desenvolvimento mental e um elevado nível de conscientização. As instituições culturais, religiosas e governamentais fortaleceram-se durante a era vipra; e sob a égide dessas instituições, a ciência, as artes e outros ramos do conhecimento floresceram. As antigas eras budistas da Índia, da China e do Sudeste da Ásia, e o florescimento dos monastérios como centros de conhecimento, durante a Idade Média, ilustram bem essa passagem. Com o decorrer do tempo, a classe dominante toma-se individualista e fica mais preocupada com a realização dos privilégios materiais e sociais. A mais poderosa ferramenta usada historicamente pela classe vipra foi a difusão de superstições, dogmas e complexos de inferioridade na mente das outras classes, para assim perpetuar seu domínio. A submissão da mulher às regras opressoras é mais uma criação dos vipras do que dos ksattriyas. Esse processo criou o dogma da inferioridade das mulheres em relação aos homens, e elas foram relegadas ao trabalho subserviente. Em consequência, as mulheres foram discriminadas e muitas vezes lhes foi negado o direito à educação formal, tanto na sociedade oriental quanto na ocidental. Enquanto os intelectuais buscavam conforto e privilégios, os mercantilistas gradualmente acumulavam riquezas. Dessa forma, eles se tornaram capazes de comprar terras e contratar os intelectuais como seus empregados. Os mercantilistas cresceram e aumentaram sua influência, infundindo um novo dinamismo à sociedade, que sofria sob a dominação de uma classe de vipras corrompidos. A habilidade e o pragmatismo dos vaeshyas (que na época patrocinaram as grandes viagens marítimas de descobrimento ao redor da Terra) gradualmente diminuíram a influência das superstições e das instituições decadentes constituídas na última era vipra. Quando o seu poder aumentou, eles criaram novos sistemas financeiros, políticos e sociais. Os movimentos democráticos inspiraram a constituição da Câmara dos Comuns na Inglaterra e as Revoluções Americana e Francesa, e levaram a uma lenta diminuição da disparidade entre os direitos dos homens e das mulheres. Grandes avanços na arte e na ciência foram também estimulados na era vaeshya, sob o patrocínio da classe comerciante. O imperialismo europeu, islâmico, americano e mais tarde o japonês surgiram na era vaeshya. A tendência dos mercantilistas é considerar tudo ao seu redor, inclusive os seres humanos, como fontes potenciais de aumento da sua riqueza. Utilizaram-se da classe guerreira na colonização do mundo, com o objetivo de explorar matérias-primas, usando até mesmo a escravidão. Na América Latina, na África e em outros lugares, os capitalistas europeus também orientaram padres e pastores para que tentassem converter os nativos ao Cristianismo — e onde eles obtiveram êxito, as populações ficaram mais complacentes. Dessa forma, a classe

mercantilista ajudou os países industrializados a se desenvolverem à custa da exploração da mão-de-obra e dos recursos naturais do resto do mundo. Também a política é manipulada pelos capitalistas, para que possam deter todo o poder. Atualmente, todas as sociedades capitalistas do mundo estão nessa condição. A maior evidência está na dependência dos líderes políticos, na maioria dos países, em relação aos capitalistas, que financiam suas campanhas eleitorais. Apesar de a democracia constitucional ter sido um aspecto positivo de desenvolvimento na era vaeshya, na prática ela se tornou uma ferramenta de controle e dominação dos gigantes financeiros sobre as economias nacionais, em geral. Hoje em dia, entretanto, o mercantilismo começa a decair. A competição na economia capitalista força as empresas a apresentarem crescimento contínuo e maximizarem seus lucros. Com isso, o nível de desemprego aumenta cada vez mais e o poder de compra do trabalhador se deteriora. O meio ambiente está sendo destruído pela absurda ganância por lucro. O dinheiro é acumulado pelos ricos e circula cada vez menos na sociedade. Aqueles que têm mentalidade guerreira e intelectual estão sendo subjugados, ficando na mesma condição dos shudras. De acordo com a Teoria do Ciclo Social de Prout, as oscilações das bolsas de valores e dos mercados financeiros e a grave dificuldade de se adquirir as necessidades básicas criam um ambiente favorável para a implantação de mudanças. Os Shudras desfavorecidos se unirão aos intelectuais e aos guerreiros excluídos pelo atual sistema vaeshya e poderão conquistar o poder econômico e social. Isto significará o fim da actual era vaeshya e o início de uma nova era shudra. Tecnicamente falando, uma sociedade shudra emerge logo após a queda da ordem vaeshya. Essa era shudra (que é caracterizada por um período de anarquia) dura apenas o tempo necessário para que os ksattriyas tomem a liderança da revolução e se solidifiquem no poder. Geralmente, essa fase dura alguns dias ou até mesmo algumas horas. A revolução comunista da Rússia, em 1917, é um exemplo desse estágio do ciclo social: o domínio mercantilista terminou devido à revolução dos trabalhadores, resultando em uma nova sociedade dominada pelos militares.

A História e o Futuro do Brasil com base na Teoria do Ciclo Social

Estima-se que pelo menos 2,4 milhões de índios habitavam o território brasileiro quando os primeiros portugueses chegaram, em 1500. A maioria das tribos era liderada pela classe guerreira (os ksattriyas), mas possivelmente algumas tribos eram lideradas por xamãs e pajés (intelectuais, vipras). Tragicamente, os índios estão reduzidos a uma população de apenas 350.000 indivíduos, a sétima parte do número original, entre 215 etnias, que falam 186 diferentes línguas. Naquela época, Portugal passava pela transição de uma sociedade vipra — dominada pelos membros da família real, os ministros e a Igreja Católica — para uma sociedade vaeshya. As vastas riquezas produzidas na colônia ajudaram a estabelecer as elites no poder. Leonardo Boff e outros ressaltaram que, de fato, sempre existiram "duas Igrejas Católicas": uma dos ricos e outra dos pobres. Ao longo da história do Brasil, a Igreja dos ricos e os poderes militares sempre serviram aos interesses financeiros

dos capitalistas. A Revolução de 1930, que estabeleceu muitas reformas populares, beneficiando as classes dos trabalhadores, não acabou com o controle das elites. Em 1964, os militares assumiram o governo com um golpe de estado e instituíram uma ditadura militar que durou até 1986, quando retomou a democracia política. Contudo, os poderosos capitalistas ainda continuaram a manipulação invisível por trás dos diferentes presidentes e líderes do governo. Nesta análise mais ampla, podemos ver que, apesar dos vários processos que influenciaram a história do Brasil durante seus 500 anos, a classe vaeshya sempre esteve no poder. É por esse motivo que uma aparente mudança no poder vem acompanhada de uma frustração, pois quase tudo permanece como estava antes. De acordo com a teoria de Sarkar, o Brasil está enfrentando os últimos dias da era capitalista, caracterizada por fome, miséria, desemprego e subemprego crescentes, atingindo mais pessoas do que em qualquer outra época da história. A decadência e a degradação do espírito humano já alcançaram o fundo do poço. A distancia entre ricos e pobres no Brasil é maior do que em qualquer outro país. Esses fatores indicam claramente que a exploração das outras classes pelos capitalistas está cada vez mais acentuada. A eleição do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores oferece grande esperança por mudanças. Lula prometeu acabar com a fome e estabelecer a democracia econômica; a sua equipe de economistas e líderes sociais estão tentando fazer isso. Mas o seu governo pode enfrentar grande oposição dos poderosos capitalistas, tanto no exterior como no Brasil, por não quererem entregar o poder que há muito detêm. Eles farão todo o possível para desmoralizar e desestabilizar o governo de Lula e continuar o seu reinado de ganância. Tão rápido quanto possível, o Brasil deve se tornar auto-suficiente economicamente para resistir ao embargo econômico que os bancos internacionais e o governo dos EUA ameaçarão fazer, caso o Brasil quebre os acordos com o FMI e deixe de pagar sua "dívida execrável". A implantação do modelo de Prout pode possibilitar que essa meta seja alcançada. Para quebrar a forte influência que o capitalismo tem na mente das massas brasileiras, é preciso nada menos que uma mudança fundamental de consciência. Se Lula puder inspirar os lutadores corajosos (ksattriyas) e os intelectuais (vipras) a conduzirem uma transformação radical, a partir das bases, ele poderá estabelecer uma sociedade mais ordenada, disciplinada e ética, fundamentada na solidariedade.

Exploração e o Despertar da Mulher

Sarkar constatou que a subjugação das mulheres é um processo histórico, resultante dos métodos mais antigos de imperialismo. Com o fim de era matriarcal e o desenvolvimento de estruturas familiares, as mulheres ficaram parcialmente dependentes dos homens, especialmente durante a gravidez e imediatamente depois do parto. Sociedades guerreiras geralmente proibiam o extermínio das mulheres e a maior parte respeitava os direitos das mulheres e dos homens. Porém, quando os vipras ganharam o controle da sociedade, para manter o seu poder, eles criaram doutrinas religiosas e mandamentos chamados "divinos", visando

incapacitar as mulheres em todas as esferas e assim dominá-las. A exploração econômica das mulheres intensificou-se durante a era vaeshya. A prostituição e a pornografia se tornaram negócios imensamente lucrativos para alguns capitalistas. Pesquisas realizadas na maioria dos países mostram que os homens continuam ganhando mais do que as mulheres, independentemente da escolaridade pesquisada. Em média, nos EUA, para cada dólar ganho por um homem, a mulher ganha 73 centavos de dólar, fazendo o mesmo trabalho por hora. No Japão, a mulher ganha menos de 50 centavos para cada dólar ganho pelo homem.² O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) publicou que, no Brasil, os homens ganham mais do que as mulheres, em cada nível de instrução: com o ensino fundamental incompleto, 65% a mais; com o ensino fundamental completo, 62% a mais; com o ensino superior completo, 52% a mais.³ As mulheres constituem mão-de-obra mais barata e muitos empregadores anseiam por mantê-las assim, embora a Constituição de 1988 garanta salários iguais para trabalhos iguais. A consequência devastadora da discriminação contra as mulheres em alguns países pobres foi calculada pelo ganhador do Prêmio Nobel, Amartya Sen. Estudando as estatísticas demográficas relacionadas aos gêneros masculino e feminino, em diferentes populações, Sen demonstrou convincentemente que o aborto de fetos femininos, o infanticídio de meninas, a escassez de alimento e cuidados médicos para as meninas e as mulheres, em comparação com o que os meninos e os homens recebem em casa, resultou na perda de 100 milhões de mulheres, a maioria delas na Índia e na China, mortas pela discriminação.⁴ A revista Veja relatou que 23% das mulheres no Brasil são vítimas da violência doméstica. No Rio de Janeiro, 5.098 casos de violência doméstica são mensalmente reportados, o que nos dá uma média de 170 casos por dia. Isso significa que, no Rio de Janeiro, a cada hora, 7 mulheres sofrem algum tipo de violência no lar.⁵ No Brasil, 60% dos homicídios de mulheres, cujos assassinos foram identificados, são interfamiliares; isto é, foram cometidos por uma pessoa do sexo masculino da própria família.⁶ A gravidez indesejada (cerca de 80 milhões de casos por ano, no mundo) freqüentemente gera outro tipo de violência contra a mulher. A Organização Mundial de Saúde estimou que 20 milhões de mulheres cometem aborto no mundo, por ano, dos quais de 3 a 4 milhões no Brasil. Mulheres com poucos recursos freqüentemente realizam seus próprios abortos, ingerindo plantas tóxicas, injetando-se hormônios ou inserindo objetos pontiagudos ou líquidos ácidos em seus úteros. Como consequência, 200.000 mulheres são internadas em hospitais, depois de abortos, com sérias e às vezes fatais complicações.⁷ Estatísticas econômicas não levam em conta o valor do trabalho da mulher no lar, considerado como parte da economia informal. Com a globalização da indústria, empresas multinacionais exploram mão-de-obra barata, entre as mulheres, nos países subdesenvolvidos. Os programas de ajustes estruturais do FMI também afetam as mulheres, na medida em que é restringido o seu acesso à educação e aos cuidados médicos. Às vezes as próprias mulheres são exportadas como empregadas domésticas ou, ainda pior, vendidas em redes

internacionais de exploração sexual. A Organização das Nações Unidas estima que são comercializadas 400 milhões de mulheres e crianças anualmente por US\$7 bilhões. O enorme comércio de produtos de beleza, controlado principalmente pelos homens, é altamente lucrativo. Esses produtos exaltam e também degradam a mulher, dando importância somente à aparência e à sexualidade, em detrimento do seu intelecto. Eles desviam a atenção daquilo que é realmente importante: a beleza interior e o crescimento pessoal. A venda de cosméticos atinge cifras de bilhões de dólares e a demanda por cirurgias plásticas e outros métodos de rejuvenescimento aparente cresce cada vez mais. A face e o corpo das mulheres são usados para anunciar qualquer produto, de cigarros a peças de automóveis, transformando-as em mercadoria, cujo valor é somente o seu apelo sexual. A TV, os filmes, as revistas e as propagandas raramente retratam a força e a coragem das mulheres. Até a estrutura gramatical de idiomas promovem, psicologicamente, a superioridade do homem, conforme observou Paulo Freire. Ele comentou que, quando dava uma palestra para um auditório repleto de professoras e com um único homem presente, seria considerado um insulto àquele homem se o palestrante se dirigisse à platéia usando um pronome feminino em vez de um masculino.⁸ Sarkar escreve: "A História é a expressão da psicologia humana coletiva. Os homens atualmente estão começando a perceber que as mulheres não podem mais ser tratadas como mercadorias. Esses dias já terminaram. As mulheres já não mais toleram passivamente injustiças, torturas, insultos e ódio por parte de machões exploradores. Os movimentos de libertação das mulheres no Ocidente e no Oriente se originaram dessa mudança na psicologia coletiva".⁹ Prout preconiza que devemos abolir dogmas e libertar as mulheres da exploração psíquica patriarcal e da discriminação pelos seguintes meios:

1) Educação de Qualidade Disponível para Todos - A falta de educação adequada conduz a uma visão dogmática, e é a razão pela qual a mulher aceita ou participa da sua própria exploração. Toda criança deve aprender a valorizar a diversidade e ver que as diferenças de sexo, raça e cultura entre as pessoas elevam nossa família humana, como flores diferentes e coloridas crescem juntas, formando um belo jardim.

2) Ausência de Discriminação Social ou Religiosa — Sarkar insiste na igualdade entre os homens e as mulheres no nível espiritual. Entre os líderes religiosos do Brasil, os homens são a maioria; porém, entre os frequentadores de igrejas, as mulheres é que são a maioria, a quem os líderes chamam de "sustentáculos da fé". Entretanto, nas religiões afro-brasileiras, as mulheres têm uma função mais elevada, como líderes espirituais.

3) Independência Econômica para as Mulheres - Para a libertação social das mulheres, elas devem ser economicamente independentes dos homens. Prout encoraja as indústrias caseiras para as mulheres que preferirem trabalhos no lar,

como o artesanato, a costura, a informática, as consultorias, a horticultura e as refeições caseiras.

4) Justiça Social - A justiça é necessária para uma sociedade saudável. A sociedade deve proteger as mulheres de abusos físicos e psíquicos. Homens e mulheres podem oferecer as suas próprias contribuições nos campos físico, intelectual e emocional. Sarkar encorajou uma abordagem de "cooperação coordenada", que daria um significado e um propósito às visões femininas e masculinas, para produzir uma verdadeira sociedade humana universal, baseada na igualdade social e no bem-estar coletivo. Ele escreve: "Que as mulheres sejam a vanguarda de uma nova revolução que a humanidade precisa realizar para alcançar um glorioso amanhã".¹⁰

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE MARX E SARKAR » Pelo dr. Ravi Batra

O dr. Ravi Batra é um renomado economista indiano e autor bestseller de muitos livros (como A Grande Decepção Americana e O Mito da Livre Empresa), tendo estudado Sarkar e Prout desde os anos sessenta. A filosofia de Marx foi estudada cuidadosamente por Ravi Batra. Ele ressaltou que, apesar de terem sido revelados os pontos fracos da ideologia marxista, seus fundamentos continuam inegáveis. Temos presenciado o que Marx afirmou: O capitalismo encerra, em si mesmo, grandes contradições. Nos dois últimos séculos, a acumulação de riqueza tem sido a causa principal dos ciclos recessivos, que com certa regularidade vêm abalando as bases da civilização ocidental. Até hoje a ameaça de recessão apresenta iminente perigo para as economias capitalistas abaladas. Tanto Marx como Sarkar usam o mesmo método para a análise histórica: Ambos acreditam que há padrões históricos inevitáveis na evolução da sociedade, embora a repetição dos eventos propriamente ditos não seja algo inevitável. Ambos concordam como o fato de que o capitalismo está fadado à extinção por algum tipo de revolução. Para Sarkar, essa revolução pode ser violenta ou não. Mas Marx acredita que essa mudança é sempre sangrenta e violenta... Ambos vêem os trabalhadores como vítimas da voracidade desgovernada, da tendência ao acúmulo de riqueza. Entretanto, Sarkar diz que os trabalhadores são vulneráveis à exploração não apenas no capitalismo, mas em cada uma das fases da civilização. Também, no que diz respeito à conceituação do capitalismo, por vezes, há uma convergência de idéias entre Sarkar e Marx. Em uma rara referência a Marx, Sarkar o vê sob uma ótica não-convencional: Grupos de exploradores opõem-se veementemente à afirmação feita pelo ilustre Karl Marx relativa à religião. O que deve ser lembrado é que Karl Marx nunca se opôs à espiritualidade, à moralidade e à conduta correta. O que ele disse ["a religião é o ópio do povo"] referia-se à religião de sua época, porque ele percebeu e compreendeu que a religião paralisava as pessoas e as reduzia ao estado de impotência, ao persuadi-las a se renderem à condição de pecadoras.¹² O próprio Sarkar, ao distinguir a espiritualidade da fé cega baseada em dogmas religiosos,

acredita que os proclamadores da religião, no passado, exploraram a humanidade em cada era da civilização. E continuam a fazê-lo até hoje.

Capítulo 8 - REVOLUÇÕES E REVOLUCIONÁRIOS

Virá o dia em que algumas pessoas inteligentes emergirão das massas exploradas, ao identificarem as técnicas com as quais os exploradores enganam o povo, apesar de a mídia ser por eles controlada. Nesse estágio, os exploradores também se tomarão intelectualmente ativos, para bloquear a germinação da semente da liberdade. Eles detêm o controle do sistema educacional, da imprensa escrita e das agendas de propaganda, numa última e desesperada tentativa de erguer altas barreiras contra a crescente onda de descontentamento da população. Mesmo assim, logo virão os dias de mudanças, quando as massas descontentes (os viksubdha shudras) se erguerão em revolta, e as imensas comportas erguidas serão arrastadas pela enchente da revolução —P.R. Sarkar'

Dialética do Ciclo Social

O Ciclo Social está em constante movimento rotativo. Considerando a psicologia das diversas classes, podemos identificar diferentes eras na história de cada sociedade. O domínio social e administrativo de uma das classes determina os valores sociais e a psicologia social predominante na sociedade. Como regra geral, na história das nações e das civilizações, em cada era, apenas uma classe exerceu o domínio. As quatro varnas movimentam-se em ciclos sucessivos, fazendo uma rotação completa do Ciclo Social. Em cada espiral do ciclo, existe também um movimento dialético que acarreta o nascimento, o desenvolvimento e o fim de uma era, levando ao nascimento, ao desenvolvimento e ao fim da próxima era. Na verdade, os ciclos sociais não têm movimentos de avanços contínuos, mas sim movimentos de expansão, pausa e contração. Existem períodos de intenso movimento social seguidos por outros de pausa relativa. Quando a sociedade está num período de estagnação, com pouca vitalidade e sem dinamismo, tal estágio é chamado de "pausa sistólica". Nesse estágio, novas idéias contestadoras surgem, devido ao sofrimento crescente do povo. Quando tal antítese ganha suficiente força, a estrutura social estabelecida muda fundamentalmente, devido ao dinamismo das novas idéias. Esse estágio inicial de mudança e dinamismo é denominado "movimento manifestativo". Quando se chega a uma nova síntese, por influência do movimento manifestativo, surge o estado de "pausa manifestativa". Essa pausa é o apogeu do movimento social, o período de maior vitalidade. A força dessa síntese consiste na vitalidade das idéias em que estiver fundamentada. Mas, posteriormente, essa vitalidade se deteriora devido à opressão e à exploração crescentes da classe dominante sobre as outras classes. Todas as eras do Ciclo Social começam pela fase dinâmica formativa, na qual uma nova vitalidade é infundida dentro da estrutura social. A sociedade alcança o ápice sustentável, seguido pelo declínio e pela "estaticidade", geralmente acompanhados de

exploração intensa. Então, no estágio da pausa sistólica, surge uma antítese proposta pela varn «(classe) que dominará a próxima fase do ciclo social.

Tipos de Movimentos Sociais

Um ciclo social tem vários tipos de movimentos. No movimento normal existem mudanças e conflitos, mas estes não alteram substancialmente a base do poder na sociedade. Os períodos de mudanças mais substanciais são chamados de evolução, contra-evolução, revolução e contra-revolução.

1. Evolução refere-se ao período de transformação social progressiva e dinâmica, seguindo o fluxo do ciclo social. O colapso do comunismo na Europa Oriental e na antiga União Soviética ilustra essa fase de evolução social.

2. Contra-evolução é o movimento regressivo do ciclo social (inversão do ciclo social). Um possível exemplo de contra-evolução foi a revolução cultural da China maoísta de 1966 a 1976, na qual os governantes ksattriyas violentamente suprimiram a classe vipra emergente, chamando-os de "pequenos burgueses", assim parando a transição para a próxima era vipra.

3. Revolução é um período de mudanças dramáticas, caracterizado pela aplicação de tremenda força, empurrando o ciclo social para adiante. As revoluções dos trabalhadores comunistas, na Rússia, em 1917, na China em 1947, e em Cuba, em 1959, são exemplos de revoluções shudras que derrubaram a classe vaeshya exploradora.

4. Contra-revolução ocorre quando uma força tremenda é aplicada para reverter o ciclo social para a varna anterior. A contra-evolução e a contra-revolução duram pouco tempo; o movimento natural do ciclo social não pode ser interrompido indefinidamente. As contra-revoluções são sempre regressivas, pois elas reverterem a sociedade ao estágio do ciclo social em que se estabeleceu a estagnação. No Brasil, em 1964, os movimentos populares tendiam a conduzir uma revolução shudra, a qual foi duramente reprimida pelos militares, os ksattriyas. Pela lógica dos movimentos de contra-evolução, essa ditadura deveria durar pouco tempo, com a recrudescimento dos movimentos anteriores. Porém, na análise desses fatos, deve-se levar em conta que a ditadura foi financiada pelos capitalistas, os quais exerciam o poder de forma invisível. Portanto, as ditaduras latino-americanas não devem ser caracterizadas como movimentos de contra-evolução promovidos pelos militares, mas sim como uma estratégia capitalista de prolongamento do seu domínio.

Influência Mútua entre as Civilizações: A sociedade humana é formada por nações, estados e comunidades, que estão em diferentes estágios de desenvolvimento, desde as civilizações antigas até as atuais; e seu contato mútuo afeta o movimento dos ciclos sociais. Por exemplo, muitas sociedades que ainda estavam na era vipra bruscamente mudaram para a era vaeshya sob a influência do

colonialismo (como a Índia). Esse tipo de influência mútua torna a análise de um ciclo social mais complexa. Especialmente hoje em dia, as influências mútuas têm se tomado muito complexas. A maior parte das nações tem sido gravemente afetada pela era vaeshya do Ocidente, que começou com o advento do colonialismo e culminou no atual processo de globalização das corporações multinacionais.

Revolução Não-Violenta e Luta Armada

No seu livro, *Liberação do Intelecto: Neo-humanismo*, Sarkar explica que os reacionários apoiam a exploração porque eles se beneficiam pessoalmente com a injustiça. Os reformistas querem mudanças, mas acreditam que estas deveriam ser graduais, e assim eles apoiam melhorias provisórias. Sarkar critica os reformistas porque eles temem as mudanças radicais que poderiam comprometer seus confortos pessoais; conseqüentemente, eles retardam a revolução que beneficiaria a todos. De acordo com Sarkar, a queda estrutural de um sistema social não necessariamente requer a luta armada. É possível que ocorra uma revolução sem derramamento de sangue e que um sistema completamente novo surja após a queda da antiga ordem. Isto poderá acontecer se existir um número suficiente de intelectuais dedicados e que não estejam receosos de participar da tremenda força de uma revolução. Os intelectuais podem inspirar e guiar as massas utilizando-se do poder incrível da maioria, para derrotar a classe capitalista corrupta e instalar uma nova sociedade. Sua participação e liderança podem minimizar a possibilidade de um confronto violento. Devemos lembrar que as táticas não-violentas, como o "poder do povo" (mobilização de milhares de pessoas em protesto), não nos garantem que nenhuma violência acontecerá. A globalização capitalista causa todos os dias sofrimento, fome e morte injustificáveis — a violência estrutural ou institucional. Quando surge um movimento popular contra a exploração, o governo freqüentemente utiliza a polícia e os militares para reprimir esse movimento. A forma como o poder está constituído determina se um movimento revolucionário necessitará usar armas ou não. Nos primeiros anos do movimento pelos direitos humanos contra o apartheid na África do Sul, Nelson Mandela participou da luta como advogado e líder do Congresso Africano Nacional. Mas quando o violento regime racista proibiu todo tipo de protesto e prendeu ou exilou cada membro conhecido do movimento, então, Mandela finalmente aceitou o papel de chefe das forças armadas de libertação. Frei Betto disse: "Isso é curioso: quem decide os nossos métodos não somos nós. É a elite que governa o Brasil. Podemos e devemos lutar na legalidade e na legitimidade, esgotando todas estas formas possíveis. Mas quem diz, a um certo momento, que determinadas formas de luta já não são mais possíveis? É o governo e a elite, que controlam o país."²

Uma Nova Visão Holística da História

Ainda que a teoria dos ciclos sociais explique os movimentos sociais, ela precisa ser aprimorada por meio de pesquisas. Uma análise dos fatos históricos é a forma

mais adequada para atingir esse objetivo. Sob uma visão holística, a arte, a política, a economia, a religião, a filosofia, a ciência, a tecnologia, a música, o vestuário e os costumes estão todos integrados e, por isso, devem ser entendidos como expressões da sociopsicologia predominante. Discordâncias entre os historiadores podem surgir nesse processo, em parte porque nem sempre existe harmonia e consonância absoluta entre essas diferentes expressões humanas. Uma nova psicologia social surge primeiro nas esferas mais sutis — como as artes, a cultura ou a ciência — enquanto na economia e na política, a estrutura social continua a ser influenciada pela antiga psicologia, até que a transformação se complete. Conseqüentemente, num período de transição, não é muito fácil identificar qual é a psicologia social predominante: se a anterior ou a mais recente. As expressões que caracterizam a psicologia de uma classe social (varn a) podem ser bem distintas nas diferentes fases de uma era — nascimento, adolescência, maturidade, velhice ou degeneração. Normalmente, a história enfatiza os feitos dos governantes (reis, ministros e líderes políticos), dando pouca importância ao tipo de vida experimentada pelo povo em geral. Além disso, até o presente, sabe-se muito pouco da dinâmica interna das classes governantes. Apesar das dificuldades da análise histórica, a grande importância da teoria do ciclo social é compreender as forças conflituosas nas sociedades atuais e prever suas resoluções eventuais. Por exemplo, o Estados Unidos e mais tarde aliança de países da OTAN aplicaram seus poderes militares, econômicos e políticos, sem exceção, por mais de 70 anos, para derrubar a União Soviética. Mas quando os próprios intelectuais dissidentes e os estudantes russos se revoltaram, em apenas três dias derrotaram a ditadura militar do Partido Comunista. O mesmo dinamismo aconteceu alguns meses antes, em todos os países comunistas da Europa Oriental. O movimento estudantil democrático da China foi violentamente reprimido por tanques e soldados do Exército Vermelho em 1989, mas conforme está previsto na teoria proutista, os vipras chineses um dia vencerão o governo ksatriya, que não poderá durar indefinidamente. De acordo com a mesma lógica, em breve o comunismo deverá entrar em colapso também na Coreia do Norte, devido à pressão da classe vipra (estudantes e intelectuais).

Em 1979, no Irã, o Ayatollah Khomeini liderou a contra-revolução dos fundamentais islâmicos (vipras). Hoje o governo e a economia do Irã são uma mistura de planejamento centralizado, controle estatal do petróleo e de outros empreendimentos grandes, agricultura tradicional de aldeias, e comércio e serviços privados em pequena escala. Os altos preços do petróleo no mundo estão mantendo a economia à tona nesta época, enquanto os líderes tentam decidir até que grau eles vão permitir o investimento internacional e a influência ocidental. Entre as lideranças do país, disputas acontecem entre os conselheiros econômicos capitalistas, aqueles que favorecem reformas democráticas, e os clérigos muçulmanos conservadores.

Em 1996, os talibãs tomaram Cabul, a capital do Afeganistão. Agora eles perderam o poder, e como Prout pode demonstrar, o novo governo está tentando reconstituir a economia capitalista, pressionado pelo governo norte-americano e seu exército. Nas nações ocidentais há um movimento popular acelerado contra o capitalismo global, que um dia será confrontado por uma revolução. Em Chiapas, México, a rebelião zapatista dos ksattriyas (guerrilheiros) está se conduzindo para uma revolução shudra. Enquanto tenha sido temporariamente reprimida pela força vaeshya dominante, sua força popular continua a crescer. Normalmente, as revoltas contra os capitalistas ocorrem primeiro nos países mais pobres, por causa da intensa exploração e da grande disparidade de renda.